

mais do que seduzir

shayla black

Tradução de Ana Mendes Lopes

LISTA DE MÚSICAS



BEER RUN — Garth Brooks com George Jones
DON'T STOP BELIEVIN' — Journey
STRONGER (WHAT DOESN'T KILL YOU) — Kelly Clarkson
DARE YOU TO MOVE — Switchfoot
HAPPY — Pharrell Williams
SOMEWHERE OVER THE RAINBOW — Israel Kamakawiwo'ole
I WON'T GIVE UP — Jason Mraz
FORTRESS AROUND YOUR HEART — Sting
PLEASE FORGIVE ME — Bryan Adams
DIG — Incubus

PRÓLOGO



Junho

Zona rural do Dakota do Norte

CLINT

— Anda para casa.

Gemo enquanto olho de relance para o outro lado da sala, para o meu pai.

— Pai... já falámos sobre isto.

— Não, tu já falaste. Eu ainda não disse o que tinha a dizer.

— Mas já conheço o teu discurso. Escuta, eu já fiz o meu transplante, as minhas raízes agora estão aqui. A minha empresa está a crescer novamente. Ainda sou o miúdo novo na indústria de petróleo da região, por isso estou a demorar algum tempo a estabelecer-me. — Recosto-me na cadeira e agarro na minha cerveja fresca. — Mas não me importo que seja assim. Além disso, tu não precisas de mim; ainda tens o Bry em casa.

O meu pai expira e a seguir dá uma passa no charuto.

— Até ele ir para a universidade no próximo outono. Além disso, sabes bem que o teu irmão mais novo nunca está em casa. É um miúdo de 17 anos que acabou agora a escola e tem o seu primeiro carro. Com a idade dele, *tu* alguma vez paravas em casa?

Ele tem uma certa razão, mas...

— Eu sei que desde que a mãe morreu as coisas têm sido difíceis. O último ano e meio tem sido de adaptação para todos nós.

— Não é isso. Abre os olhos, filho. Esta bolha do negócio do petróleo vai voltar a explodir. Há cinco anos era um excelente negócio e tu estavas no sítio

certo à hora certa. Até a Bethany concordava — diz ele mencionando a sua conselheira de investimentos, que está sempre a gabar. — Mas neste momento é tempo de parar o investimento antes que percas mais dinheiro. A OPEP quer acabar com a produção de petróleo nos Estados Unidos e tem todos os recursos para fazer com que isso aconteça. Eles foram muito bem-sucedidos a sufocar a nossa indústria no ano passado.

Não posso negar isto. Há 12 meses estava eu a lamentar custos elevados e lucros desanimadores.

— Mas este ano está a ser melhor.

— Ligeiramente melhor. Vá lá, Clint. Queres mesmo passar a vida a economizar tostões? Vende a empresa. Vais conseguir uma boa quantia, mesmo que a indústria neste momento não esteja muito bem. — Recosta-se na cadeira e bebe um gole de uísque. — Se a morte da tua mãe me ensinou alguma coisa, foi que a vida é ainda mais curta do que aquilo que toda a gente nos avisa. Ela tinha 49 anos e era demasiado jovem para morrer, mas isso não importa. A sua hora chegou. Vê-la a passar por todos aqueles tratamentos para o cancro da mama quase me matou também.

Igualmente a mim. Não estive presente nos piores momentos porque me mudei para o Dakota do Norte com 19 anos e comecei logo a trabalhar, acabando por conseguir construir a minha empresa de serviços petrolíferos a partir do zero. Mas voltei a casa nos últimos tempos. Ver a minha mãe tão frágil e enfraquecida deixou-me destroçado. Perdê-la foi horrível para toda a minha família.

— Eu sei, pai.

Quando estendo o braço para lhe pegar na mão, ele aperta-ma.

— Ouve, quero aposentar-me. Quero fazer as coisas todas que eu e a tua mãe planeámos antes de eu morrer também. Íamos comprar bilhetes de temporada num daqueles teatros finórios. Íamos percorrer a Pacific Coast Highway até São Francisco e ver as paisagens. Caramba, nós íamos de férias para o Havai. Acabámos por nunca cumprir estes sonhos porque tínhamos três rapazes pequenos e pensávamos que quando vocês fossem maiores haveríamos de ter tempo. E agora... ela já cá não está.

Quando o meu pai engole a emoção que sente, aperto-lhe novamente a mão.

— Lamento, pai.

— A culpa não é tua. Ela teria sempre escolhido a vossa felicidade antes de ir de férias para onde quer que fosse.

— Mas ela trabalhou a vida inteira e não aproveitou os anos de maior calma que tiveram. Sei que isso te perturba.

— Sim, mas perturba-me mais ter-lhe prometido que fazia estas coisas todas depois de ela partir. Até agora não fiz nada a não ser chorar a sua morte e tentar descobrir como vou continuar a viver.

A culpa começa a roer-me. Se ficar no Dakota do Norte vou seguir o meu próprio caminho. Mas se desistir disto, e voltar para Los Angeles, vou ajudar a minha família. Mas também vou assumir um negócio que nunca me interessou e vou meter-me novamente no meio de multidões, do trânsito congestionado e da poluição — todas as razões que me fizeram deixar LA.

— Então e o Bret? Ele vai acabar o curso de Gestão na UCLA daqui a um ano. Eu nunca fui para a universidade, por isso ele estará mais bem preparado para...

— Achas que ele está pronto para sair da casa que partilha com os amigos para se instalar numa empresa que fatura vários milhões de dólares por ano? Caraças. Tanto quanto sei, há seis meses que não tira a cabeça debaixo de um barril de cerveja. — O meu pai suspira. — Não estou a tentar fazer com que te sintas culpado. Tenho apenas esperança de que consigas ver a sensatez desta ideia. A tua empresa pode estar a secar, dependendo do preço do barril. A minha está a prosperar, mas atualmente é demasiado para a gerir sozinho. Estou a ficar velho de mais.

— Só tens 53 anos.

— Depois da morte da tua mãe sinto-me muito envelhecido.

Ele não está com a robustez que tanto o caracteriza. Sei que não anda a dormir bem e presumo que seja da idade. Mas parece-me mais cansado do que imaginava. Há dois anos foi a pé para o meu sítio favorito para pescar sem problemas nenhuns. Hoje percorremos o mesmo trajeto e o meu pai ficou logo com falta de ar. Mesmo agora, horas depois de regressarmos, uma fina camada de transpiração cobre a sua testa. É verdade que estão quase 32 graus e está muito húmido lá fora, mas a casa tem ar condicionado e está confortável.

— Só chegaste aqui ontem, pai, aproveita as tuas férias. Talvez ao fim destas duas semanas te sintas mais revigorado e...

— Ando a pensar nisto há meses. E agora quero que penses nisto também. Por favor.

Como posso dizer que não a um pedido destes?

— Está bem. Vou pensar.

O sorriso do meu pai estende-se no rosto.

— Ótimo. Preocupo-me que estejas aqui sozinho, sabes?

— Porquê? — Adoro os espaços amplos e as pessoas terra a terra. Está

bem que no inverno faz um frio de rachar e que no verão o calor é abrasador, mas gosto da beleza da natureza — uma coisa que quase não se vê em Los Angeles.

— Não vi muitas raparigas solteiras bonitas enquanto atravessávamos a cidade. Parece que não há por aqui nenhuma, só um bando de cães da pradaria e vacas. E sei bem que não são os bichos que te vão aquecer os lençóis à noite.

Reconheço que é uma das principais desvantagens de viver no meio do nada. Já andei com todas as mulheres solteiras num raio de 160 quilómetros. E nenhuma delas era mulher para mim. Quando quero sentir o calor de uma mulher tenho de ir a Williston ou Bismark, entro num bar e rezo para ter sorte. Na maior parte das vezes tenho, mas de vez em quando venho para casa de mãos a abanar. Acontece. O Dakota do Norte é um dos poucos estados onde há mais homens do que mulheres, principalmente na parte mais ocidental, onde a enchente de trabalhadores do petróleo faz com que as probabilidades de termos sorte com uma mulher sejam mais reduzidas.

— Não. Não gosto definitivamente de criaturas de quatro patas, pai.

Ele solta uma gargalhada, esfregando distraidamente um ponto abaixo do ombro direito.

— Volta para a Califórnia. A ocasião é perfeita. Podes gerir a minha empresa, que está a prosperar. Vai fazer de ti um homem rico. Podes deixar de sujar as mãos todos os dias. — Espreita para a sujidade e a gordura que parecem estar permanentemente embebidas por baixo das minhas unhas, não importa o quanto as esfregue. — Podes passar mais tempo comigo e com os teus irmãos. E quero apresentar-te à Bethany.

— Não preciso de uma conselheira financeira neste momento. — Principalmente uma a residir num estado onde eu não vivo.

— Talvez não, mas na minha opinião também não faz mal nenhum começares a investir. De qualquer maneira, não era disso que estava a falar.

Demoro um instante a perceber o que ele está a dizer.

— Estás a tentar fazer um arranjinho entre mim e ela?

— Ela é linda, inteligente e doce. Havias de gostar dela, filho. Havias de gostar muito dela.

Não sei absolutamente nada sobre esta mulher, e, uma vez que não quero ir viver para LA, não estou nem um pouco interessado.

— Então anda tu com ela, pai. És solteiro.

— Oh, não. Não. Ela está mais perto da tua idade do que da minha. É

uma mulher ambiciosa, mais para o calado, e é muito direta. Confio nela. Pelo menos, da próxima vez que fores a casa deixa-me apresentá-la...

Se continuar a recusar, ele vai continuar a insistir. À semelhança do que faço com a sua proposta para me mudar para LA e assumir a empresa, é melhor protelar do que recusar. Tanto quanto sei, até pode mudar de ideias já amanhã.

— Vou pensar nisso.

Ele cola um enorme sorriso no rosto e pega no telemóvel, a seguir prime e avança nas teclas até encontrar as fotografias.

— Tirámos esta foto no mês passado quando nos encontrámos para a reunião trimestral. Ela até me ofereceu uma garrafa do meu uísque favorito no meu aniversário. Já lhe perguntei e é solteira...

Para lhe fazer a vontade, debruço-me para olhar para o ecrã do telemóvel. A loura que sorri parece elegante e, admito, está deslumbrante num fato cinzento, justo e feminino. A pele rosa-pálido parece quase gélida, mas os olhos têm um tom mais caloroso verde-musgo.

Se a visse num bar ia definitivamente tentar a minha sorte com ela. E o mais certo era insistir até ela me dizer que sim. É boa como o milho.

— Bem, não posso criticar o teu bom gosto com as mulheres.

Ele ri-se com vontade e depois desliga o telemóvel. Antes de o guardar no bolso, o aparelho toca. Dou graças a Deus pelas chamadas suportadas pelo Wi-Fi. A rede telefónica por aqui é uma merda.

O meu pai olha de relance para o ecrã.

— É a Brenda. Com licença.

É a secretária dele, por isso deve ser trabalho. Aceito a deixa e vou à cozinha buscar mais uma cerveja. Quando me volto para trás, o meu pai está novamente a esfregar o mesmo sítio abaixo do ombro. Será que fez alguma distensão muscular?

— Queres mais um uísque? — pergunto mesmo antes de ele atender a chamada.

— Estou? — Encosta o telemóvel ao ouvido e abana a cabeça.

Enquanto saio da sala esqueço a conversa dele e ligo o rádio da cozinha. O Garth Brooks e o George Jones estão a cantar uma canção familiar sobre uma ida para os copos. A sorrir, tiro mais uma cerveja do frigorífico, faço saltar a tampa e bebo um trago.

Nos últimos tempos, o meu pai envelheceu notoriamente e acho que deve ser porque é a empresa que o gere a ele e não ao contrário. É extremamente exigente. E acho que faz sentido quando se tem uma companhia de

seguros. Mas ter um trabalho só de secretária daria comigo em doido. Gosto demasiado de passar tempo no exterior e de sujar as mãos. Na área do meu pai não há muito espaço para isso. Não quero mesmo passar os meus dias a falar de prémios de seguro e de acidentes de viação.

Quando deito o pequeno disco de metal no balde do lixo, a voz do meu pai troa. Ouço o choque. É um som que só ouvi uma vez — quando o médico da minha mãe lhes disse que o cancro da mama era terminal. Esta explosão agora é igualmente profunda e atordoada.

Desligo o rádio e desato a correr, para encontrar o meu pai branco como a cal e a pestanejar enquanto segura o telemóvel com força.

— Tudo?

— O que foi? — pergunto.

Ele acena-me com o sobrolho franzido e começa a esfregar o tal ponto abaixo do ombro ainda com mais força.

— Tudo. Eu não... São 35 anos de trabalho. De poupanças. Oh, merda. E foi preso ontem?

Mas de que raio está ele a falar? E de quem?

— Pai?

Ele volta a abanar a cabeça.

— Continua a fazer telefonemas. Eu vou fazer o mesmo e amanhã já estou num avião de regresso a casa. Se descobrires mais alguma coisa... Sim. Claro. Vou ligar à Bethany agora mesmo. Obrigado.

Assim que ele desliga vou para junto dele.

— O que aconteceu?

— Segundo a Brenda, o Barclay Reed, o diretor da minha empresa de investimentos, foi detido ontem. Foi acusado de estar a conduzir um gigantesco esquema Ponzi e todos os cêntimos dos investimentos dos seus clientes desapareceram. — O meu pai pestaneja em absoluto estado de estupefação. — Tenho de ligar à Bethany, ele é pai dela. O Barclay, quero dizer. Eu não devia saber isto, porque ela é filha ilegítima. É uma coisa que sempre foi abafada, mas... Ela há de contar-me o que se passou ao certo. É honesta. Deve haver alguma explicação para isto. Estive com ela há menos de quatro semanas e estava tudo bem. Ela mostrou-me todos os relatórios, o meu dinheiro estava a crescer. Não pode ter desaparecido tudo subitamente...!

O meu pai levanta-se com dificuldade, mas forço-o a sentar-se novamente. A sua pele está quase cinzenta. Deve ser o choque, suspeito, mas mesmo assim fico preocupado. Ele está a transpirar profusamente e parece-me ofegante.

— Senta-te aqui, pai. Descansa. Eu vou fazer a tua mala e reservar um bilhete de avião para regressares a LA. Se quando chegares lá precisares da minha ajuda, vou ter contigo.

— Obrigado — agradece, assentindo com a cabeça quase sem dar conta. — Vou ligar à Bethany.

Uma vez que quero ouvir a conversa, faço de conta que estou a reunir alguns objetos pessoais espalhados pela sala. Tento permanecer calmo, mas os meus pensamentos atropelam-se. O meu pai trabalhou arduamente e sacrificou-se durante décadas para poupar alguns milhões de dólares. Agora está bem na vida e merece esta segurança. Fico louco com um simples ladrão que roube alguma coisa a alguém, mas... com intrujões que elaboram esquemas para roubar as poupanças de uma vida inteira a um homem que está no fim dos seus anos produtivos? Sim, fico absolutamente furioso.

— Não atende. — Ele prime o botão para desligar a chamada. — Vou tentar novamente.

Mas depois de três tentativas não há sinal da «linda, inteligente e doce» conselheira financeira. Que conveniente. Se o Barclay é o principal suspeito e a Bethany é sua filha, a probabilidade de ela também estar envolvida no esquema é alta. Como se atreve esta bonita víbora em pele de cordeiro olhar para um viúvo solitário e aproveitar-se da sua confiança?

O meu pai está pálido como cera e continua a esfregar avidamente o peito.

— Pai, sentes-te bem? Estás com dores?

— É apenas indigestão. — Acena-me para desvalorizar. — Acontece-me a toda a hora. Talvez a Bethany não esteja no escritório. Vou tentar ligar para o telemóvel dela.

Podia dizer-lhe para esperar, mas se estivesse no lugar dele também ia querer chegar ao fundo desta questão. Mesmo assim, estou preocupado com ele.

Pego no telemóvel e ligo ao Gary, um amigo que por acaso é o médico de família na região. Talvez ele me possa dizer o que se passa e receitar alguma coisa para a ansiedade do meu pai.

— A chamada para o telemóvel foi diretamente para as mensagens. Oh, Deus do céu. — Pressiona a mão contra o peito, como se quisesse impedir que este se dilacerasse. — Ela nunca deixou de me atender uma chamada, nunca!

A expressão do seu rosto diz-me que está destroçado. Desfeito.

— Tenho de... preciso de ir... — O meu pai cambaleia ao levantar-se.

Guardo o telemóvel no bolso e acorro ao seu lado.

— O que foi?

Ele está com um ar desorientado e pálido. Já não estou só preocupado; estou absolutamente alarmado.

Envolvo o meu pai com o braço para o segurar e ele agarra-se novamente ao peito, com os olhos muito arregalados, enquanto faz um som de dor animal e cai desamparado no chão de madeira.

— Pai!

— Dói — balbucia ele. — Ambulância.

Merda. O meu pai está a ter a porra de um ataque cardíaco. Todos os sinais estão presentes.

E uma ambulância demora pelo menos 40 minutos a chegar aqui.

Um medo gélido inunda-me as veias enquanto me ajoelho ao lado do meu pai. Sinto que os meus dedos se mexem em câmara lenta enquanto procuro atabalhoadamente pelo meu telemóvel, tentando desbloquear o teclado para poder chamar a ambulância.

Parece tocar durante uma eternidade até uma mulher atender.

— Serviço de urgências, em que posso ajudar?

Conto-lhe rapidamente o que está a acontecer e pergunto o que posso fazer para ajudar o meu pai. Sim, está deitado no chão. Sim, está consciente — mas pouco. Não, não está a respirar.

Oh, merda.

Depois de me assegurar de que já vem uma ambulância a caminho, a mulher pergunta-me se tenho aspirinas em casa. Tenho, graças a Deus.

— Pai — pego-lhe na mão. — Consegues ouvir-me?

Ele solta um gemido e segura debilmente a minha mão. Tento manter-me calmo. A minha cabeça continua a dizer-me que isto não pode estar a acontecer, não é possível. Mas os meus olhos dizem-me de forma vívida e horrível que está a acontecer, sim.

— Vou à casa de banho buscar uma aspirina, está bem? Fica aqui, fica comigo. Eu volto já.

Não me responde. Guardo o telemóvel no bolso e atravesso as divisões a correr até à casa de banho do quarto principal e a seguir procuro bruscamente no armário dos medicamentos. Quando tento abrir o frasco de aspirinas tenho as mãos a tremer, mas a porra da tampa à prova de crianças não sai. Consigo abri-la finalmente e deito um comprimido para a mão antes de me precipitar escadas abaixo, com o coração a mil.

— Pai?

Ele não me responde. Filho da mãe. Tenho de o reanimar. Não faço estas manobras desde que tirei um curso de salva-vidas na piscina local, quando tinha 16 anos. Mas dou o meu melhor para organizar as ideias e começo a fazer as compressões no peito e a respiração boca a boca.

Não faço ideia durante quanto tempo continuo a comprimir e a expirar, tentando forçar a entrada de ar nos seus pulmões e o coração a bater ao seu próprio ritmo, mas estou a ficar zozzo e exausto. No instante em que começo a questionar-me se estou a fazer alguma diferença, os paramédicos batem-me bruscamente à porta da frente.

Por muito que não queira fazê-lo, afasto-me do meu pai para abrir a porta. Não posso reconhecer que o meu pai continua sem respirar. Os profissionais estão aqui e eles vão fazer com que ele volte a respirar. Ele vai ficar bem.

O meu pai não pode morrer aqui hoje.

Um trio de paramédicos de uniforme entra de rompante em casa com sacos e uma maca de lona.

— Onde está o paciente? — pergunta uma mulher afro-americana com um ar muito competente e numa voz calma.

— Na sala de estar — aponto.

Os outros dois paramédicos não perdem tempo e vão para junto do meu pai. Tento segui-los, mas a mulher bloqueia o caminho.

— Diga-me o que fez até agora.

Atropelo as minhas palavras enquanto tento explicar, mas a única coisa que quero é ir para junto do meu pai. Enfio as mãos nos bolsos. Preciso de fazer alguma coisa. Não posso ficar aqui especado a observar. Mostro a aspirina que ele não chegou a tomar.

— Precisa disto? — pergunto-lhe.

Ela olha por cima do ombro e eu sigo o seu olhar. Os outros dois paramédicos ligaram o meu pai a uma espécie de monitor que regista os batimentos cardíacos.

O som agudo e persistente ecoa na minha cabeça e enerva-me. Ele não tem batimento cardíaco.

— Não! — Tento correr para o lado dele.

A mulher segura-me.

— Deixe-os fazer o seu trabalho.

— Mas...

Não sei ao certo o que dizer. Os meus conhecimentos médicos são nulos. É lógico que só iria estar a empatar o trabalho dos paramédicos, mas... Ele

não pode morrer. Mas — oh, meu Deus —, se estiver a morrer, não pode ter apenas estranhos à sua volta para o confortarem. Precisa da família.

— Senhor...

— Tenho de estar com o meu pai — digo de repente. — Pelo menos deixe-me segurar-lhe a mão.

À minha direita ouço um dos paramédicos suspirar enquanto se levanta e se aproxima de mim, com a mágoa a suavizar-lhe o olhar.

— Lamento.

— Não! — Abano a cabeça. — Não! Ainda há menos de uma hora estava a falar com ele. Fizemos planos...

Algures na minha cabeça percebo que estou a dizer coisas sem sentido, mas não sou capaz de processar o que acabou de acontecer. Não sei o que dizer.

O meu pai não pode estar morto.

— Não podem usar o desfibrilhador? — Vi na televisão séries médicas suficientes para saber o que isto significa.

A mulher abana a cabeça.

— As coisas não são assim. Um desfibrilhador não consegue reanimar um coração que parou. A sua função é parar momentaneamente um coração que tem um batimento irregular e tentar restaurá-lo. Mas o seu pai está em assistolia. Já não há atividade elétrica, por isso não há ritmo para restaurar. Lamentamos imenso.

Fico colado ao chão. Estou em choque.

O meu pai morreu.

O que diabo aconteceu aqui? O que raio vou fazer agora?

Sinto uma dor a rasgar-me o peito e não consigo respirar.

Tenho de ligar ao Bret e ao Bry e despedaçar-lhes o coração também. Tenho de ir para a Califórnia e enterrar o meu pai. Esfrego o rosto com uma mão. Oh, meu Deus. Tenho de cuidar do meu irmão de 17 anos até ele atingir a maioridade. Vou ter de encarar a minha vida sem o homem cujo amor e conselhos me ajudaram tanto durante os meus 24 anos de vida.

Cerro os punhos. Sinto qualquer coisa a picar-me a palma da mão. Abro o punho e vejo a aspirina.

Cerro os dentes e sinto-me subitamente sufocado pela mágoa e pela fúria. Atiro o pequeno comprimido para o outro lado da sala e ignoro a mulher que me oferece um sedativo. Que se foda a calma.

Parece que se passam horas até levantarem o meu pai para a maca e lhe cobrirem o rosto. E quase não consigo controlar-me. Sinto-me frágil como a merda. E perdido.

O meu pai tinha uma saúde decente, geralmente falando. Não entendo.

Agarro no braço do paramédico que anunciou a morte do meu pai.

— Como é que isto pôde acontecer? Ele nunca teve problemas cardíacos nem outras doenças. Estava em forma, ainda era jovem e...

O homem de trinta e poucos anos e barbicha no queixo encolhe os ombros.

— Não sei a causa exata. — Continua a falar de saúde coronária, de medicação, de colesterol e de outras merdas que não se aplicavam ao meu pai. — Ou choque. Aconteceu alguma coisa grave hoje?

Aconteceu. Os seus investimentos. As poupanças de uma vida.

O cabrão do Barclay Reed e a sua «honesta» filha, Bethany Banks.

Isto é obra dela e nem que tenha de rastejar até às entranhas da Terra, passar todos os minutos da minha vida, gastar até ao meu último tostão, vou fazê-los pagar por isto.

CAPÍTULO UM



26 de dezembro (seis meses depois)
Los Angeles

— Não tens de quê.

Conheço a voz satisfeita do outro lado do telemóvel, mas não sei por que motivo está a dizer-me isto.

— Ash?

— Sim.

Conhecemo-nos há alguns anos nos campos de petróleo do Dakota do Norte. O trabalho árduo e os invernos implacáveis não eram para ele, por isso um par de anos depois cedeu à vontade de conhecer o mundo e foi-se embora, mas continuámos a ser bons amigos. Se tenho um grande amigo neste mundo, é o Asher Grant.

O seu tom de voz diz-me que está ansioso que lhe faça a pergunta.

— Muito bem, estou a agradecer-te porquê?

— Porque tenho um presente. Está bem que vai com um dia de atraso — já agora, como foi o teu Natal? —, mas tenho um presente e tanto para te dar.

Honestamente, o Natal foi duro. Fiz o meu melhor para o manter o mais jovial possível, mas foi a nossa primeira época de festas sem o nosso pai. O Bret mal falou, nem mesmo com uma miúda linda que foi lá a casa e se ofereceu para lhe dar as condolências da forma que ele mais desejasse. Ele tem mais um semestre na faculdade... se conseguir acabar. Eu já o aconselhei — incitei-o, elogiei-o e ameacei-o também. O Bret parece estar a tirar um mes-trado em cerveja, em vez de Economia. O meu pai ficaria destroçado se visse

o filho do meio a desperdiçar a oportunidade de ser o primeiro da família a ter um curso superior. O mais novo, o Bryson, parece absolutamente determinado a fazer de conta que não está a sofrer de todo. Ajudou-me a decorar a casa e a cozinhar. Saltou de uma festa para a outra. Amigos, música, diversão e bons momentos. Sei que o Bry, que tem agora 18 anos, queria que este fosse um Natal como os outros. Mas não é. E nunca mais vai voltar a ser.

— Foi mais ou menos como seria de esperar. E o teu? — pergunto.

— Tenho a certeza de que deve ter sido duro sem o teu pai. Lamento, meu. O meu Natal foi bom. Na verdade foi ótimo. Estou no Maui.

— De férias?

— Népia. Já estava para te dizer. Mudei-me para cá há três semanas.

— Acho que isso explica por que motivo o postal de boas-festas que enviei para o Colorado veio devolvido — respondo retoricadamente.

— Pois. O tempo lá começou a ficar demasiado frio. E sabes como detesto o frio. Por isso, numa certa noite estava a ver televisão e parei num canal com um programa sobre pessoas que andavam à procura de casa no Havai, e pensei «Olha que boa ideia». E aqui estou, a tomar conta de um bar.

— E gostas?

— Adoro. Quero dizer, o emprego é porreiro, mas este lugar tem tantas praias bonitas e mulheres lindas... O que mais posso pedir? Mas não foi por isso que te liguei. A sério, devias agradecer-me agora mesmo.

Aposto que o Ash vai dizer que encontrou uma forma manhosa qualquer, quase ilegal, para me levar de avião para o Havai a tempo de passar o Ano Novo com ele. Não posso ir. Detestaria deixar o Bret e o Bry agora. Eu não sou o nosso pai, mas neste momento sou o mais parecido que eles têm. Também estou a meio do processo de venda da empresa do nosso pai. As negociações pararam nos últimos dias, mas espero poder retomá-las em breve. Eu e os meus irmãos ainda estamos a debater se vendemos a casa aqui em LA ou não. Por um lado, não sabemos se algum de nós vai viver nela, já que planeio voltar para o Dakota do Norte na próxima primavera e os meus irmãos estão ambos a estudar fora. Por outro, todos nós crescemos aqui. É o último vestígio que temos da nossa família tão unida, das recordações que construímos aqui, mesmo que agora nos pareça vazia sem os nossos pais.

— Meu — digo ao Ash —, se te meteste num esquema qualquer...

— Não. Vais gostar muito mais disto. Presumo que ainda não fizeste grandes avanços na questão Bethany Banks?

— Não fiz nenhum.

O Ash sabe o quanto quero apanhar esta mulher e crucificá-la, porque

enquanto o pai dela ainda está a responder pelo crime, ela anda por aí à solta. Ela teve a lata de enviar flores para o funeral do meu pai, mas só me respondeu aos telefonemas que fiz para saber do dinheiro dele através de *e-mails*. Oh, que lamentava profundamente tudo o que tinha acontecido e que estava a examinar a situação. Isto há meses. Até há pouco tempo, ela manteve a farsa no escritório. Desde que o Barclay Reed foi detido, ela já afirmou publicamente várias vezes como o seu patrão é inocente e como tem a certeza de que será vingado. Eu continuo a pensar que ela também vai acabar por ser acusada. Enquanto braço-direito do pai e rosto da Financeira Reed, como pode não ser responsabilizada?

Depois, há nove dias, o FBI declarou que tinha detido todos os suspeitos envolvidos neste caso. Mas a Bethany continua livre como um passarinho. A mulher que em maio falou com o meu pai e afirmou, na sua cara, que a fortuna estava a crescer não é cúmplice neste gigantesco esquema? Não acredito nem um pouco.

Depois do anúncio da polícia federal fui até ao edifício onde se situa o seu escritório, em San Diego, para exigir uma explicação cara a cara. Tinha toda a intenção de a responsabilizar pelo que aconteceu ao meu pai. Mas a Financeira Reed estava fechada a sete chaves. Um segurança disse-me que a empresa fechara permanentemente na semana anterior. Desde então, a Bethany não aparecia por ali.

Furioso, mas sem me deixar desencorajar, voltei para casa. Depois de investigar um pouco, descobri onde ela vive. Hoje de manhã, bem cedo, fui até à casa dela, mas a porra do apartamento estava vazio. Uma vizinha mais velha disse-me que ela saiu na véspera de Natal com duas malas a abarrotar. Vai recolher o correio da Bethany nos próximos tempos, uma vez que não faz ideia de quando ela irá voltar.

Estou lívido.

— Ela saiu da porra da cidade — conto ao Ash. — Vou ter de a procurar novamente e sabe Deus quanto tempo vai demorar.

— Zero minutos, meu irmão. Ze-ro.

O meu coração sobressalta-se.

— Sabes onde ela está?

— Estou a olhar para ela neste preciso instante.

A afirmação dele é tão louca que quase tenho dificuldade em respirar.

— Ela está no Maui, a beber um copo num bar?

— Ela está no Maui, a *trabalhar* num bar. Começou a servir à mesa aqui há cerca de... duas horas.

Fico de queixo caído.

— Estás a brincar comigo, caralho?

— Não estou, não.

Ainda assim, o que o Ash me está a contar... não faz o menor sentido.

— A Bethany Banks está neste momento a servir bebidas a turistas? Agora mesmo?

— Está, pois.

— Tens a certeza de que é a mesma mulher?

— Então, foi por isso que esperei duas horas para te ligar, queria ter a certeza absoluta.

— A mesma que tirou a licenciatura em Stanford com louvores, aos 17 anos, que fez dois cursos, um de Gestão e outro de Finanças? A que concluiu o mestrado em Harvard aos 20 anos? Estás a dizer-me que *essa* mulher está a servir cervejas num tasco de praia qualquer?

— Olha lá, isto não é um tasco. Não é assim tão mau. E não sei nada do *pedigree* dela. Quem memorizou a biografia dela foram vocês. Mas fui verificar a foto dela *online* e a mulher para quem estou a olhar é definitivamente ela. Para ser sincero, se soubesse o corpinho que acompanha o rosto, já me teria sentido motivado a procurá-la há muito tempo. Uau...!

Cerro os dentes. Estou-me a cagar para o corpo da Bethany Banks. A única coisa que me interessa é responsabilizá-la pelas suas ações.

— Tenho de ter a certeza de que é ela antes de me aventurar a atravessar meio oceano.

O Ash faz um estalido com a língua.

— Sim, pensei que dirias isso. Ela apresentou-se como Beth e vejo que nunca na vida serviu à mesa. Mas se queres provas absolutas de que é ela, vou enviar-te uma fotografia agora mesmo. Tirei-a há dez minutos quando ela veio buscar umas bebidas e fiz de conta que olhava para o telemóvel. Vê com os teus próprios olhos.

Alguns segundos depois aparece uma fotografia nas mensagens. Abro o ficheiro. Fico com o corpo inteiro incandescente ao ver a loura platinada de olhos verdes, rosto delicado e *top* de biquíni revelador como o caraças. Quem quer saber que ela seja boa como o milho se é uma cabra fria e sem coração?

Obrigo-me a comparar esta fotografia com as que tirei da internet. Depois fico gélido.

— É ela.

— Como te disse... não tens de quê.

— Oh, meu Deus. Obrigado, meu. Poupaste-me semanas de busca e

provavelmente uns milhares de dólares em investigadores privados. Era a minha próxima jogada, contratar um detetive.

— Não é preciso. Basta apanhares um avião para o Maui. E ainda tens um bónus: um Ano Novo tropical.

O sentido de oportunidade é terrível, mas tenho de ir. Não posso permitir que a pequena charlatã volte a desaparecer.

C’um caraças, vou mesmo apanhar o primeiro jato para ir para o Havai? É uma loucura e uma jogada impulsiva, mas é o meu último recurso.

Mas assim que chegar ao Maui faço o quê? Tenho de provar que a Bethany Banks não é nenhum anjo, só não sei como. Se a atacar como um touro, e lhe fizer acusações ou exigências, será que vai sequer falar comigo? Ou será que se limita a desaparecer novamente quando a pressão for demasiado intensa?

Lembro-me de que o meu pai me disse o quanto eu ia gostar da Bethany, como ela era uma mulher maravilhosa e que devia sair com ela, blá-blá-blá.

Não sei bem o que fazer nem como lidar com a situação, mas chamo os meus irmãos, que estão ambos a curar a ressaca. Quando descem finalmente a escada aos tropeções, e olham para mim estonteados, mando-os sentar.

— Vou ao Maui durante alguns dias. Estou a confiar em vocês para se portarem decentemente e não deitarem a casa abaixo. Nada de festas. Mantenham os barulhos no mínimo para os vizinhos não se queixarem. Não quero saber se trazem uma rapariga para casa, não quero saber se bebem álcool. Mas se beberem por favor não conduzam. Assim que puder ligo-vos.

Estou a olhar para o telemóvel, já à procura do próximo voo disponível, quando o Bry se levanta.

— Vais deixar-nos aqui assim para ires de férias para uma ilha tropical? Estamos a meio das festas, caralho.

— Isto não são férias, é trabalho. Encontrei a Bethany Banks e quero que ela me dê algumas respostas para que o pai possa finalmente descansar em paz. — *E para não ter de viver com a mágoa de lhe ter falhado.*

Já passa da meia-noite quando aterro no Maui. Graças a Deus ainda havia um lugar vago no voo que partia do LAX (Aeroporto Internacional de Los Angeles) por volta das oito da noite. Mal tive tempo de enfiar meia dúzia de coisas num saco de viagem e de convencer o Bret a levar-me ao aeroporto. Corri para o avião quando já estavam a fazer a última chamada.

Depois de um longo e tranquilo voo, saio do avião para um aeroporto

como nunca vi igual. É quase pitoresco. E, depois de sair da zona das chegadas, todo o espaço se abre para o ar da noite tropical.

O Ash está à minha espera junto à recolha de bagagens. Tem um sorriso rasgado no rosto e um bronzado que a maior parte das pessoas não tem em dezembro, a não ser que o obtenham quimicamente... ou que vivam nos trópicos.

— Olá, meu — diz ele com um encontrão de ombros e uma palmada nas costas. — Estás com um aspeto de merda.

— Sinto-me uma merda. Foi um voo longo como o caraças.

— Tens andado a voar de mais de um lado para o outro entre LA e o Dakota do Norte, a tentar gerir duas empresas exigentes.

Assinto com a cabeça.

— E a gerir os loucos dos meus dois irmãos mais novos.

— Quando foi a última vez que apanhaste uma bebedeira?

— Nem me lembro. Talvez no Dia do Trabalhador, não sei.

— Bem, vamos ter de resolver isso depressa. — Depois inclina-se para mim e baixa a voz. — Será que me atrevo a perguntar quando foi a última vez que foste para a cama com uma miúda?

Suspiro.

— Há muito mais tempo. A única coisa que fiz desde que o meu pai morreu foi trabalhar e resolver uma sucessão infundável de problemas.

— Vamos definitivamente resolver isso também. Porque não sei como não estás a ficar louco ou cego.

Solto uma gargalhada, apesar da tensão que sinto. Ultimamente o Ash tem sido um bom agente de equilíbrio para mim. No meu estado normal consigo sempre encontrar o humor e a diversão em quase todas as situações, mas nos últimos seis meses perdi esta capacidade por completo.

— Eu também não sei — encolho os ombros. — Mas és capaz de ter razão. Ele olha de relance para o meu saco de viagem.

— Tens mais alguma bagagem?

Abano a cabeça.

— Não tive tempo de trazer mais nada. Achei que podia comprar na ilha aquilo de que me esquecesse.

— É na boa. E, como já disse, a minha casa não é grande mas estás à vontade para dormir no sofá enquanto aqui estiveres.

— Obrigado. — Dou-lhe uma palmada nas costas. — A sério. Estava disposto a gastar todo o tempo e dinheiro que fossem precisos para encontrar a cúmplice do Barclay Reed. Tu poupaste-me muito de ambos.

— Devias ter visto a minha cara quando ela entrou no bar e se apresentou como Beth. Deve ter pensado que eu era estúpido ou que estava deslumbrado porque fiquei a olhar para ela com o queixo caído, sem dizer uma palavra. — O Ash ri-se de si próprio. — Mas não deixei transparecer que sabia quem ela era. Achei que isso a faria dar de frosques.

Assinto com a cabeça.

— É por isso que tenho de elaborar um plano. Estou aqui, preciso de aqui estar para poder chegar ao fundo da questão. Mas não sei ao certo como devo proceder. Não posso entrar à má fila e começar a exigir-lhe respostas.

O Ash assente também.

— Até porque já fizeste isso ao telefone.

— Exatamente. Ela sabe o meu nome, por isso, assim que a enfrentar e lhe disser quem sou...

— Ela fecha-se em copas e esgueira-se novamente.

— Pois. Se ela não tivesse fugido de San Diego e deixado todas as minhas perguntas por responder, até podia acreditar que ela forneceria informações quando se sentisse encurralada — mesmo que não admitisse os seus crimes. Mas agora? Tenho a certeza de que se vai limitar a fugir. E não posso correr esse risco.

O Ash caminha ao meu lado, a pensar.

— Tens de encontrar outro ângulo.

— Sim, algo que ela não espere. Sabes mais alguma coisa sobre ela depois de teres trabalhado hoje ao seu lado? Ela disse alguma coisa sobre si?

— Não. Mostrou-se muito reservada. Ainda tentei meter conversa uma ou duas vezes enquanto esperava que eu preparasse as bebidas. A única coisa que divulgou foi que nunca tinha estado no Havai e que ia ficar com familiares.

— Familiares? — Tentei rever tudo o que sabia sobre esta mulher. Estudei a sua vida toda. Conheço a sua história. E não me lembro de ter lido nada sobre familiares, a não ser a sua mãe. — Isso é treta. A mãe dela só casou pela primeira vez há dois anos e vive em Salt Lake City.

— Então e o pai?

Barclay Reed. Eles conseguiram manter mais ou menos em segredo, durante quase três décadas, que a Bethany é filha dele. Mas acho que me lembro de que o cabrão tinha filhos com a mulher.

Pego no telemóvel e começo a procurar na internet.

— Muito bem, tens razão. O pai dela tem três filhos. E todos vivem aqui na ilha. Oh, merda. A meia-irmã dela é casada com o Noah Weston.

— O famoso *quarterback*?

— O próprio.

— Uau. Isso é muito fixe. Achas que ela vai ficar com eles?

Encolho os ombros.

— Hei de descobrir.

Não sei ao certo como este conhecimento me vai ajudar, mas não há de fazer mal aprender tudo o que puder sobre o meu inimigo. Mas para conseguir fazer com que ela confirme isto — ou sequer para conseguir ter uma conversa com ela — tenho a certeza de que me resta apenas uma desagradável opção.

— Como é que vais fazer isso?

— Vou colar um sorriso no rosto e ser simpático para ela. A certa altura hei de conseguir ganhar a sua confiança e depois encorajo-a a fazer-me confidências.

Ele franze o sobrolho.

— Consegues atuar assim tão bem?

Excelente pergunta.

— Vou ter de conseguir.

O Ash abana a cabeça à medida que chegamos à parte da frente do aeroporto e saímos para a brisa noturna do Maui. É quente e ligeiramente abafada. Passei os últimos quatro invernos no Dakota do Norte, por isso esta é uma mudança gigantesca. E, admito, não é assim tão má.

Ele aproxima-se de mim.

— Talvez pudesses matar dois coelhos com uma cajadada só e seduzi-la.

Olho para o Ash como se tivesse enlouquecido.

— Eu lá vou tocar *naquela* mulher?!

— Basta olhares para ela uma vez e garanto-te que vais querer tocar-lhe, sim. Podes ganhar a confiança dela mais depressa e acabar com a tua travessia do deserto de uma só vez. É uma ideia genial, ires para a cama com ela. É mesmo. Bolas, eu sou uma caixinha de presentes natalícios.

Tenho vontade de contrariar o Ash, mas já vi fotografias da Bethany e não posso negar que é linda. Se ela fosse qualquer outra mulher que eu não odiasse, adoraria ter oportunidade de a levar para a cama.

Deixo cair o meu saco de viagem na mala do velho *sedan* do Ash.

— Isso não vai acontecer. Vou pensar noutra forma qualquer.

Ele encolhe os ombros como se eu fosse maluco.

— Boa sorte com isso. Ela ontem não quis esbanjar simpatias com ninguém. Devias mesmo ponderar em dar-lhe alguns belos orgasmos. Não há nada que faça com que uma mulher se abra mais depressa para ti.

Nem que a Bethany Banks seja a mulher mais atraente do planeta, recuso-me terminantemente a dar-lhe um segundo de prazer.

— Nem pensar.

— Vieste até aqui para fracassar, foi? A sério, não a vejo a namoriscar com ninguém. Aquela mulher está determinada em ser bem-sucedida em tudo o que fizer, é quase como se tivesse alguma coisa para provar. Ontem, nas duas primeiras horas de trabalho foi terrível. Depois o gerente foi falar com ela e deu-lhe algumas indicações. Ela pediu licença durante cinco minutos, voltou a ler qualquer coisa no telemóvel e depois... Depois foi como se tivesse passado meses a servir à mesa. Ela aprende *depressa*.

Não fico surpreendido.

— Ela é seriamente inteligente. Porra, então se até é membro da Mensa...!

— Uau. Então é linda e inteligente. Será que esta mulher tem algum defeito?

— Tem um carácter moral de merda, ó idiota. Fez com que dúzias de pessoas perdessem centenas de milhões de dólares.

O Ash franze o sobrolho.

— E tens a certeza disso? Se ela desviou tanto dinheiro assim das suas vítimas, porque é que não está a viver à grande e à francesa noutra sítio qualquer? Porque é que veio para cá servir à mesa?

É uma boa pergunta e também já pensei nisso, embora seja forçado a reconhecer que não sei a resposta. Claro que a polícia federal ainda tem as suas contas bancárias congeladas, mas se ela tem o dinheiro roubado guardado algures em contas *offshore* porque não está a aproveitar a vida?

— Também vou ter de descobrir a resposta para essa pergunta.

Porque se conseguir localizar o dinheiro das outras pessoas, talvez também consiga encontrar o dinheiro do meu pai. E assim posso provar que Bethany Banks é culpada e mandá-la para a cadeia — que é o lugar dela. Não sei como nem porquê o FBI não a considerou como suspeita. Será que ela conseguiu enganar alguém para escapar à prisão? Não sei, mas vou descobrir e corrigir esta injustiça.